



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CLÉCIA NÉRI FERREIRA

A COMPLACÊNCIA DE EROS: O PARADOXO AMOROSO EM “O AMOR
NATURAL”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

João Pessoa,
2019

CLÉCIA NÉRI FERREIRA

A COMPLACÊNCIA DE EROS: O PARADOXO AMOROSO EM “O AMOR
NATURAL”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção do grau de Licenciado
em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof.Dr.Hermano Rodrigues

João Pessoa,
2019

F383c Ferreira, Clecia Neri.

A COMPLACÊNCIA DE EROS: O PARADOXO AMOROSO EM "O AMOR NATURAL", DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE / Clecia Neri Ferreira. - João Pessoa, 2019.

31f.

Orientação: HERMANO RODRIGUES.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. EROTISMO. 2. O AMOR NATURAL. 3. DRUMMOND. I. RODRIGUES, HERMANO. II. Título.

UFPB/CCHLA

CLÉCIA NÉRI FERREIRA

A COMPLACÊNCIA DE EROS: O PARADOXO AMOROSO EM “O AMOR
NATURAL”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras da Universidade Federal da
Paraíba como requisito para obtenção do
grau de Licenciado em Letras, habilitação
em Língua Portuguesa.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hermano Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba

Prof^a. Ms. Elisângela Marcos Sedlmaier (UFPB)
Examinador 1

Prof. Ms. Sílvio Tony Santos de Oliveira (UFPB)
Examinador 2

“Amor, amor, amor – o braseiro radiante
que me dá, pelo orgasmo, a explicação do
mundo.”

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

A Deus, grande autor da minha história, que está sempre ao meu lado e muito me ajudou dando-me sabedoria para que eu chegasse até a conclusão deste trabalho. Aos meus pais, Teresa Néri e José Soares, por terem sido meus primeiros professores me ensinando bons princípios, por todo amor e carinho com que me educaram e por sempre me incentivarem nos estudos.

Aos meu irmãos, Cleise Néri e Cleber Néri, por todos os momentos compartilhados desde a nossa infância e por serem meus melhores amigos.

Ao meu querido esposo, Lucas Vinicius, por todo apoio, companheirismo, amor e cuidado, sempre me incentivando durante a minha formação.

Ao meu orientador, Prof^o. Hermano Rodrigues, ao qual tenho como grande modelo de educador, por toda atenção, disponibilidade e pelas contribuições para a minha formação a partir de seus ensinamentos.

À banca examinadora, pelas considerações feitas para o aprimoramento deste trabalho. À minha grande amiga Isabel Cristina, parceira inseparável durante a graduação, com quem muito aprendi e pela qual tenho grande admiração.

Ao meu amigo Lenderson Chagas, por toda ajuda e motivação nos momentos em que mais precisei.

A todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica. Por fim, a todos os meus familiares e amigos que sempre acompanharam minha trajetória e sonharam junto comigo a realização desta primeira etapa.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar o Erotismo na obra póstuma de Carlos Drummond de Andrade: *O Amor Natural* (1992), a partir da relação entre os temas do erótico e do pornográfico. Este estudo fundamentou-se nas contribuições de Octavio Paz (2001), Lúcia Castelo Branco (1987), Bataille (1987), Alexandrian (1994). Diante da inseparabilidade percebida entre as temáticas amorosa, erótica e pornográfica que aparecem em toda sua produção poética, e que ganha força em sua produção final, culminando no livro que ora analisamos, buscamos nas confluências entre Georges Bataille (1987) e Octavio Paz (1995) uma definição para o erotismo. Para Bataille (1987), “o erotismo é a aprovação da vida até a morte” e está diretamente ligado a uma transgressão, no domínio da violação. Em Paz, encontramos que é uma atividade exclusivamente humana: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e a vontade dos homens. Sendo assim, aproximamos em nossa leitura os temas do amor, erotismo e do pornográfico em que eles se tangenciam dentro do processo de criação das imagens eróticas drummondianas, por meio da linguagem.

Palavras-chave: Erotismo. *O Amor Natural*. Drummond

ABSTRACT

The present work aimed to analyze Eroticism in the posthumous work of Carlos Drummond de Andrade: *The Natural Love* (1992), from the relation between the themes of the erotic and the pornographic. This study was based on the contributions of Octavio Paz (2001), Lucia Castelo Branco (1987), Bataille (1987), Alexandrian (1994). In view of the perceived inseparability between the amorous, erotic and pornographic themes that appear in all his poetic production, and which gains strength in his final production, culminating in the book we are now analyzing, we seek the confluences between Georges Bataille (1987) and Octavio Paz (1995).) a definition for eroticism. For Bataille (1987), "eroticism is the approval of life to death" and is directly linked to a transgression in the domain of rape. In *Peace* we find that it is an exclusively human activity: it is sexuality socialized and transfigured by the imagination and will of men. Thus, we approach in our reading the themes of love, eroticism and pornography in which they are tangent within the process of creating drummondian erotic images through language

Keyword: Eroticism. *The Natural Love*. Drummond

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2. O ERÓTICO	10
3. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR E A OBRA	13
3.1 O erotismo na obra <i>O amor natural</i>	16
3.2 Rastros do erotismo em Carlos Drummond de Andrade	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Em *O Amor Natural* Drummond aborda o erotismo como tema principal retratado do início ao fim do livro. Lançado em 1992, após sua morte, com esta obra Drummond expôs seus contornos mais “radicais”. Nesta obra o autor decide explorar o erotismo, quase beirando ao pornográfico, mas que não se reduz a este.

No decorrer da leitura, podemos perceber várias descrições de vulvas, línguas, lambidas e o que mais houver de intimidade entre um homem e uma mulher, tudo poetizado com muita propriedade. O erotismo está presente em todos os poemas da obra.

O Amor Natural, não nasceu de um desvario momentâneo. Escrito em meados dos anos setenta, Drummond rende-se à produção de poemas eróticos que em algumas situações se aproximam do pornográfico, versos em que o ato sexual não eleva, nem rebaixa as condições das pessoas, mas aceita a necessidade simples e natural do ser humano, exaltando o sexo, o amor carnal, sendo este o principal motivo da escolha desse livro.

Escolhemos o erotismo não apenas por ser o tema predominante desta obra, mas também por ser o único que se destaca. A obra *O Amor Natural* é composta de quarenta poemas, todos com temática erótica. Guardados durante anos, os poemas eróticos de Drummond estão reunidos nesta excepcional coletânea, obra inquietante e que revela uma nova face do autor.

O amor natural foi evidenciado como um grande acontecimento cultural: a lírica erótica (e por vezes pornográfica) de um dos maiores poetas da literatura brasileira. A obra é uma coletânea de poemas eróticos, dotados de uma visão mais despojada e extremamente fascinante do poeta. Os poemas são repletos de sensualidade.

Nascido em Itabira de Mato Dentro, interior de Minas Gerais, região de cultura tradicional e devido as suas raízes conservadoras, percebe-se assim, certa cautela do autor na publicação dessa obra. É evidente, inclusive, que o amor e a sexualidade são, para ele, como algo único, que não estão desassociados.

Desde o título, a obra joga com o conceito de natureza no que diz respeito ao amor. O poeta trata o sexo enquanto manifestação do amor, o sexo como algo natural do ser humano. Os poemas que constituem *O Amor natural* apresentam o sexo como forma de atingir a perfeição, plenitude da existência pela busca do

prazer. A linguagem drummondiana poetiza o ato sexual, mas não o camufla ao utilizar termos como “vagina”, “pênis”, “bunda”, etc.

De modo geral, os poemas eróticos de Drummond nos mostram o amor enquanto natureza e que o amor e o sexo estão ligados. A sensualidade é posta como conhecimento de nós mesmo, os momentos de excitação, de desejo, são parte que nos completa. A obra perpassa desde momentos de grande incitação ao desejo até o cansaço após a consumação do ato sexual.

Sem a característica melancólica, marcas do poeta, os poemas de *O Amor Natural*, são em sua essência, impregnados por versos intensos e despidos de qualquer pudor ou moralidade, o sexo é descrito na sua forma mais primitiva, carnal e honesta. Sant’anna (1992) destaca que o poeta não teve problema algum em transitar entre o erótico e o pornográfico embora esse fosse o seu maior medo. A obra destaca os corpos e o ato sexual da forma mais “crua” possível, os amantes, seus sentimentos e os atos sexuais são os objetos expostos brilhantemente no corpus.

2. O ERÓTICO

Para compreender o sentido do erotismo como essência da construção de muitas obras, é necessário buscar a origem dessa palavra que, de acordo com sua etimologia, o erótico remete-nos a Eros, deus grego do amor, aquele que impulsiona a vida, que aproxima e une os seres. Nessa tessitura, “Eros é o princípio, a própria vida, aquele que vai propiciar a fecundidade e a atração entre os seres.” (MELLO, 2001 p, 69).

O erotismo sempre fez parte da Literatura e da Arte. Mesmo nos períodos de extrema repressão, seja política ou religiosa, houve manifestações eróticas. Os autores que se aventuravam a falar de sexo em poesia, faziam quase sempre às escondidas, usando pseudônimos, para se resguardar de qualquer repressão ou julgamento, tendo suas obras classificadas como más ou sublitteraturas.

A construção de um texto erótico acontece de diferentes maneiras, pode ser na escolha das palavras, na estética (forma), numa imagem, ou seja, ele se apresenta com uma grande variedade formal e de conteúdo que pode conter signos verbais (com uso da palavra) ou não verbais (imagens, códigos). Portanto, ele pode ser um poema, uma música, um quadro, um romance, um conto etc. Em algumas obras, verifica-se uma linguagem erótica explícita. Hoje em dia, os autores têm mais liberdade no uso da linguagem em suas obras.

Talvez pela etimologia da palavra, o erótico tenha uma melhor aceitação dentro da sociedade. Quando pensamos em “erótico” logo nos vem a ideia de algo encoberto, que não se mostra de forma explícita. Provavelmente sua origem revela um significado de caráter mais sublime, até poético.

Em seu livro *O que é erotismo* a autora Lúcia Castelo Branco define três critérios possíveis para diferenciar o erótico do pornográfico, são esses: Atribuir à pornografia o sexo explícito e, ao erotismo, o “implícito”; Aproximar o pornográfico da cultura de massa e o erótico, da cultura erudita; Puxar do sentido etimológico, ligando à pornografia o sentido comercial e ao erotismo o sentido não utilitário do prazer. A última distinção é assim enunciada pela autora:

Ao contrário do erotismo, que corresponde a uma modalidade não utilitária de prazer exatamente porque propõe o gozo como fim em si, a pornografia estará sempre vinculada a outros objetivos: o prazer depende do pacto com a ideologia que ela veicula (CASTELLO BRANCO, 2004, p. 24).

Diante disso, percebemos que três são as formas até aqui apontadas para os desígnios de Eros: o amor, o erotismo e o sexo, que pode ou não caracterizar a pornografia.

O termo Literatura Erótica surge em meados do século XVII, vindo a tratar de obras literárias voltadas às temáticas amorosas e sexuais. Segundo escritor Georges Bataille (1987), estas duas não se dissociam ao abordar o erotismo. E, ainda, ao mencionar o amor como elemento que compõe o erótico, ele usa também uma diferenciação comum no âmbito amoroso-sexual: a distinção entre sexualidade humana e sexualidade animal.

O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão. A própria sexualidade animal introduz um desequilíbrio e este desequilíbrio ameaça a vida, mas o animal não o sabe. Nele nada se abre que se assemelhe com uma questão. (BATAILLE, 1987, p. 20)

Corroborando com a ideia de Bataille, o erotismo é a atividade sexual exclusivamente do homem, diferenciando-se, portanto, da atividade sexual praticada pelos animais e esse ato sexual dos homens não é essencialmente erótico. No entanto, é necessário que se esclareça, ainda, uma distinção básica entre os termos Erotismo e Pornografia. Na pornografia, faz-se presente certa interação do leitor por meio da excitação sexual, enquanto que, no erotismo, ainda que se desperte algum entusiasmo ou desejo, este despertar não é o objetivo fundamental do material literário ou artístico, porém há o objetivo de solicitar uma cumplicidade à distância com o leitor.

O crítico francês Alexandrian afirma, em seu livro *A história da literatura erótica*:

O erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que a mostra em seu brilho ou em seu desabrochar, tudo o que desperta uma impressão de saúde, de beleza, de jogo deleitável”, lembrando que a obscenidade rebaixa a carne, associa a ela a sujeira, as doenças, as brincadeiras escatológicas, as palavras imundas. (ALEXANDRIAN, 1989)

Usualmente, existem duas formas conceituais de distinguir literatura erótica e pornográfica, a literatura erótica é um texto que se preocupa com cenas e peripécias amorosas, enquanto a pornográfica detém-se essencialmente ao sexo, tendo isso em vista, essa classificação detém-se à temática do texto. A segunda forma propõe uma diferenciação através do grau de obscenidade das práticas sexuais

representadas, colocando em jogo uma dicotomia entre uma construção narrativa nobre contra uma construção explícita e, por isso, considerada vulgar.

Embora implique na intensificação da relação amorosa, o erotismo não tem por objetivo o ato sexual em si, mas a suas infinitas performances sensuais que preside a intimidade entre os sexos. Caracteriza-se pelo despertar da excitação sexual, privilegiando o estado de desejo sobre o ato sexual consumado, de modo a envolver variadas etapas e nuances da sexualidade que poderão ou não resultar no ato sexual.

Octavio Paz, em seu livro *A Chama Dupla: amor e erotismo* demonstra de que maneira houve a transformação do sexo em erotismo e do erotismo em amor. Assim, o autor revela-nos passamos da condição animal para a condição humana; demonstrando também como as diferentes concepções eróticas e amorosas são influenciadas e influenciam as culturas. Por serem aspectos de um mesmo fenômeno, que é a vida, o sexo, erotismo e amor são erroneamente confundidos, como se fossem algo único. Dos três, o sexo é o mais amplo por abranger todas as criaturas vivas, já o erotismo é algo restrito ao social, ou seja, a função do erotismo é tornar a sexualidade sociável.

3. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR E A OBRA

“Eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força o resgata”, escreveu Carlos Drummond de Andrade no livro *Fazendeiro do Ar*. E eterno também é o poeta mineiro, que faleceu aos 84 anos e viveu pouco, bem pouco para uma legião de leitores que admira, lê e compartilha os pensamentos de Drummond até os dias de hoje.

Carlos Drummond de Andrade é considerado um dos maiores poetas brasileiros do século XX. Pertenceu à segunda geração do Modernismo brasileiro. Nasceu em 31 de outubro de 1902, na cidade de Itabira de Mato Dentro, interior de Minas Gerais. Filho de proprietários rurais, durante sua adolescência foi encaminhado para estudar em colégios internos em Belo Horizonte, e também em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Após concluir os estudos, regressou a Belo Horizonte e iniciou sua carreira de escritor publicando artigos no Diário de Minas em 1921. Já no ano seguinte, foi vencedor do Concurso Novela Mineira com o conto *Joaquim do Telhado*.

Sua família fazia questão que ele conquistasse formação acadêmica, motivo pelo qual ingressou no curso de Farmácia da Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte, concluindo-o em 1925. No mesmo ano casou-se com Dolores Dutra de Moraes e fundou com outros escritores A Revista, veículo com publicações que consolidaram o Modernismo mineiro.

Durante os anos seguintes, Drummond lecionou em Itabira e depois se mudou para Belo Horizonte, trabalhando como redator no Diário de Minas. Em 1928, fez a publicação que impactou sua carreira: a poesia *No Meio do Caminho*, na Revista de Antropofagia de São Paulo.

A obra foi criticada pela imprensa, por conta da construção repetitiva e inusitada de suas estrofes. O trecho "No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho" ganhou repercussão e a poesia foi apontada até como forma de provocação na época. Ainda em 1928, Drummond ingressa no serviço público como auxiliar de gabinete da Secretaria do Interior. Em 1930 publica o volume *Alguma Poesia*, contendo 49 poemas. Em 1934 transferiu-se para o Rio de Janeiro e foi chefe de gabinete de Gustavo Capanema, ministro da Educação, até 1945.

Em 1942 publicou seu primeiro livro de prosa, *Confissões de Minas*. Entre os anos de 1945 e 1962 foi funcionário do Serviço Histórico e Artístico Nacional. Em 1946 foi premiado pela Sociedade Felipe de Oliveira, pelo conjunto de sua obra. Durante os anos 60 e 70 escreveu para jornais do Rio de Janeiro e dedicou-se à produção de crônicas e poesias. Em 1967, em comemoração aos 40 anos do poema *No Meio do Caminho*, Drummond reúne grande parte do material publicado sobre si no volume *Uma Pedra no Meio do Caminho – Biografia de Um Poema*.

O seu estilo poético ficou caracterizado por observações do cotidiano misturadas a traços de ironia, pessimismo e humor. Várias de suas obras foram traduzidas para diversos idiomas, ele mesmo tradutor de autores como Balzac, Federico Garcia Lorca e Molière. O poeta faleceu em 17 de agosto de 1987 no Rio de Janeiro, dias após a morte de sua única filha, a cronista Maria Julieta Drummond de Andrade.

A obra é uma coletânea de poemas eróticos, repletos de sensualidade dotados de uma visão mais despojada e extremamente fascinante do poeta. O fato de *O amor natural* não ter sido publicado em vida demonstra uma preocupação moral em seu tempo. O poeta tinha plena consciência dos limites entre o erotismo e a pornografia. De um modo geral, seus poemas eróticos nos mostram o amor enquanto natureza e que o amor é também sexo.

Por ter nascido no interior de Minas Gerais, região de cultura tradicional e devido as suas raízes conservadoras, percebe-se assim, certa cautela do autor na publicação dessa obra. Nas palavras de Sant'anna (1992) Drummond tinha medo dos seus poemas eróticos serem confundidos com poemas pornográficos, por isso, o autor se cercou de tantos cuidados ao escrevê-los, pois o seu objetivo era mostrar o amor enquanto forma natural, algo que deva ser exaltado e não diminuído. Sendo assim, *O Amor Natural* é um livro de poesia erótica publicada postumamente.

Segundo Affonso Romano de Sant'Anna, que escreveu um posfácio para o livro, os poemas de *O Amor Natural* questionam os limites entre a pornografia e o erotismo. O poeta, que em toda a sua obra havia falado do amor apenas como sentimento, de forma abstrata, nesta obra fala explicitamente de relações sexuais.

O amor natural foi saudado, com justiça, como um grande acontecimento cultural: a lírica erótica, e por vezes pornográfica, de um dos maiores poetas da literatura brasileira, finalmente vinda à tona. Mais de vinte anos depois de sua

publicação original, pode-se dizer que a leitura do livro ganha ainda mais importância, os poemas eróticos de Drummond, que na edição original foram lidos quase como uma excentricidade dentro de uma vasta e importante obra, estão entre os maiores exemplos dessa modalidade de lirismo em qualquer idioma.

Fortes, intensos e sem a marca da melancolia cotidiana da poesia amorosa de Drummond, os poemas de *O amor natural* deixa clara e positiva a afirmação do desejo sexual, do conhecimento físico entre duas pessoas e da vitória contra a morte que representa a busca pelo prazer, (o gozo). Os textos só reafirmam a enorme vitalidade, pessoal e literária, do autor.

Mas é coerente acreditar que as mudanças de comportamento que viu observar, naqueles anos de 1950, quando um tornozelo de fora era o auge do erotismo público, somadas ao avanço da idade, tenham feito nosso poeta dar espaço em suas obras para o erotismo que já cultivava desde sempre. Mas, apesar disso, fato é que Drummond preferiu-se, num pedido compreendido e atendido, que sua obra só fosse publicada postumamente, pois houve uma forte hesitação do autor em torná-los público. Por esse motivo, eles só se tornam conhecidos por iniciativa de seus herdeiros em 1992.

Entretanto, é interessante frisarmos que das 40 composições desta coletânea, *O amor natural*, apenas nove foram dadas ao conhecimento do público leitor, pelo próprio autor, e de forma esparsa. A maioria delas o poeta integrou em *Amor, amores*, antologia publicada em 1975; seis em *Amor, sinal estranho*; e as outras duas em revistas de consumo tipicamente masculinas, *Status*, *Ele & Ela* e *Homem*. Segundo alguns críticos, Drummond se negava a publicá-los por escrúpulos quanto à possível repercussão desses poemas. Todavia, ao ser interrogado sobre o destino de *O amor natural*, insistia em afirmar:

(...) eu não sei quando será. Nem mesmo se sairá. Ele está guardado na gaveta, sem pressa nenhuma. São poemas eróticos, que eu tenho guardado, porque há no Brasil - não sei se no mundo -, no momento, uma onda que não é de erotismo. É de pornografia. E eu não gostaria que os meus poemas fossem rotulados de pornográficos. Pelo contrário, eles procuram dignificar, cantar o amor físico, porém sem nenhuma palavra grosseira, sem nenhum palavrão, sem nada que choque a sensibilidade do leitor. É uma coisa de certa elevação. Então, isso fica guardado para tempos melhores, em que haja uma possibilidade maior de ser lido, compreendido, e não ridicularizado ou atacado como se fosse coisa de velho bandalho... (apud BARBOSA, 1987, p. 8).

Já é notória em seu depoimento a preocupação de Drummond com os limites, as fronteiras entre o erótico e o pornográfico. Ele define o que entende por erótico nos seus poemas, procurando dignificar, cantar o amor físico, sem palavras grosseiras, fazendo com que seus poemas não choquem os leitores.

Fica evidente que o erótico drummondiano será pautado pelo uso da sensibilidade e da sensualidade na relação com a linguagem, rodeado do cuidado de não constranger o leitor com expressões vulgares da linguagem coloquial.

É assim que no livro, escrito em meados dos anos setenta, Drummond rende-se à produção de poemas que vão do erótico ao pornográfico, passando pelo completo des pudor; versos “milvalentes” em que ato sexual não eleva nem rebaixa, mas sim, aceita a simples condição do sexo. Durante a leitura, fica clara a preocupação do autor em demonstrar como as concepções de amor e do erotismo se manifestam, em especial na poesia. Erotismo e poesia são metáforas, uma na sexualidade outra na linguagem e, por isso, são tão próximas.

Assim como o erotismo é um refinamento da sexualidade, o amor é um refinamento do erotismo, diferenciando-se por ser direcionado a uma única pessoa. Sendo o fruto de uma escolha, o amor atravessa o corpo e vai em direção à alma. Em outras palavras, o movimento do sexo para o erotismo e para o amor, é o mesmo que o movimento da natureza para o corpo e para a alma, ou do animal para o social e para o individual, como aborda Drummond em seus poemas, o amor em sua forma natural.

3.1 O erotismo na obra *O amor natural*

Em *O amor natural*, de Carlos Drummond de Andrade, notamos o extravasamento de um erotismo inicial em sua obra. Já pelo título do livro, percebemos que os poemas eróticos apontam para os caminhos do amor, enquanto natureza, ou seja, enquanto manifestação sexual. Os labirintos que acolhem o amor e o sexo podem levar a diversos pontos de chegada, como o erotismo e a pornografia.

Ao reunir o amor à natureza, em seu livro de poemas, quis mostrar ao mesmo tempo o que o humano tem de animal e o que tem de deus, coligando numa só expressão o divino e o natural, utilizando a linguagem como elo. Em sua obra

podemos notar do início ao fim a presença marcante de metáforas para tratar com sutileza o erótico em suas poesias, que por vezes, beira a pornografia, mas não se reduz a isso.

Ao falar de erotismo, de imediato, relacionamos ao sexo, algo ainda estigmatizado, encoberto e tratado como “tabu” na sociedade em que vivemos. Procuramos definir o lugar do discurso sobre o sexo perante a literatura, percebendo sua marginalização diante do discurso literário canônico e até do discurso social:

Assim, a palavra de sexo segue a trajetória do silêncio na sociedade ocidental, não é autorizada, porque o natural passa a ser diminuído em seu valor perante o artifício, ou seja, perante aquela feitura do homem que lhe diferencia dos demais seres: o amor do corpo é considerado inferior ao amor da alma, porque o primeiro tem origem num ato natural; e o segundo, origina-se da idéia, genuinamente humana e racional (PRADO, 2007, p.48).

Pensando as relações entre o natural e o artificial, podemos entender que, enquanto o sexo se situa ainda no terreno do natural, o erotismo e o amor são teorias do artifício e dependem de uma seleção cultural.

Assim, o fato de *O amor natural* não ter sido publicado, em vida, por seu autor denuncia um anseio de seu tempo. Drummond, em fragmento de entrevista anunciado por Barbosa (1987, p.14), afirma que “há no Brasil - não sei se no mundo -, no momento, uma onda que não é de erotismo. É de pornografia.

Sabendo que os limites entre a pornografia e o erotismo são bastante sutis, o poeta trabalha por uma não confusão entre um e outro em seus poemas, talvez por considerar vulgar o tratamento do sexo pela pornografia, até porque o erotismo, ao qual ele afirma que seus poemas estão filiados, traz já no nome o parentesco com o livro que, até então não tinha sido publicado: *o mito do amor, Eros*, e o livro *O amor natural* que envolve a sexualidade e sentimento como algo único e sublime. Como afirma Castello Branco (2004), não se pode falar da história do erotismo sem considerar a história de sua repressão.

A obra póstuma de Drummond, desde o título, joga com os conceitos de natureza e de artifício, a fim de delimitar seu espaço perante a temática do amor que, como vimos, é bastante ampla. O poeta pretende aliar o significado do amor enquanto artifício e divindade ao sentido que o adjetivo “natural” lhe propõe, ou seja, o sexo enquanto manifestação do amor. Nos poemas que constituem *O amor natural*, o sexo aparece como forma de atingir a plenitude da existência e vencer a

morte (gozo), das mais diversas maneiras, seja pela negação do sexo (A moça mostrava a coxa); seja pela realização sexual genital (O que se passa na cama); seja pela oral (A língua lambe); seja pela anal (Quando desejos outros é que falam); seja pela incitação à masturbação (À meia-noite, pelo telefone); ou pelas lembranças do sexo já vivido que, ao ser lembrado, causa prazer (No pequeno museu sentimental).

Todos esses modos de amar coincidem pela ligação entre amor e sexo, pela busca do prazer e, ainda, por uma linguagem que poetiza o ato sexual, mas que não o camufla, utilizando-se da “linguagem proibida” do sexo (PRETI, 1984, p.61), como os vocábulos “vagina”, “pênis” ou “bunda”.

Contudo, o pensamento erótico que percorre totalmente *O amor natural* não teria brotado acidentalmente nesse livro, mas já havia sido lançado como semente na obra anterior do poeta. Isso porque alguns poemas já haviam sido publicados em revistas, bem como haviam integrado outros títulos da poética drummondiana, como *Amor, amores* (1975) e *Amor, sinal estranho* (1985).

Este [O amor natural] é um livro inquietante. Inquietante porque nos faz pensar os limites (quais?) entre a pornografia e o erotismo. Neste sentido, esses poemas remetem para fora da obra de Drummond e colocam em questão não apenas o poeta, mas o leitor, seus conceitos e preconceitos (ANDRADE, 2006, p.8)

Por se tratar de uma obra inquietante, bem diferente do que costumamos ler de Drummond, *o Amor Natural* veio para mostrar uma nova faceta do autor, veio para surpreender seus leitores. Não obstante, a temática do amor, do corpo, do gozo, do prazer está disseminada em toda poética drummondiana.

Em *O Amor Natural*, o amor carnal é visto pelo poeta de uma maneira totalmente natural, como o título avisa. O amor, para ele “palavra essencial”, só se manifesta em sua amplitude pelo sexo. É por meio do sexo que se pode atingir a plenitude da existência, voltar à origem primitiva, atingir a paz eterna, o repouso merecido, o sagrado, o céu infinito, vencer a morte. O coito é, nas palavras do poeta, “morte de tão vida”.

São poemas eróticos, que eu tenho guardado, porque há no Brasil – não sei se no mundo –, no momento, uma onda que não é de erotismo. É de pornografia. E eu não gostaria que os meus poemas fossem rotulados de pornográficos. Pelo contrário, eles procuram dignificar, cantar o amor físico, porém sem nenhuma palavra grosseira, sem nenhum palavrão, sem nada que choque a sensibilidade do leitor. É uma coisa de certa elevação. (BARBOSA, 1987, p. 8).

Com medo de ser vítima do preconceito, ou do que as pessoas iriam dizer ao seu respeito, o poeta cercou os seus poemas eróticos de tantos cuidados (além da produção, também a divulgação foi clandestina, em meio às revistas masculinas) que parecia de fato se envergonhar deles. Seu outro medo era parecer pornográfico, por isso o uso das metáforas ao longo de sua obra.

Drummond também demonstrava apreço por valores como pureza e espontaneidade, como se o natural fosse sinônimo de animal, instintivo, isento de problemas. O erotismo, como sabemos, não se confunde com a simples prática, é algo que vai além. Ele opta por palavras eróticas, mas não pornográficas. Palavrões não aparecem na obra. Essa forma de se referir ao erotismo faz Achcar (2000) afirmar que *O amor natural* possui grandes poemas, de uma sutileza que faz com que esqueçamos todas as grosserias que cercam o assunto.

Para Preti (1984), a “linguagem proibida” é utilizada por Drummond de uma forma absolutamente sutil e inteligente. Pode-se afirmar que os poemas eróticos apresentam um léxico bastante peculiar. Contudo, há de se frisar que um texto erótico é, por natureza, ousado e inovador nas diversas formas que traduz a sexualidade.

Moreira (2005) afirma que o erotismo, em Carlos Drummond de Andrade marcou uma nova fase em sua obra literária, sobretudo a poesia, ainda que postumamente, levando em consideração que seu único livro de poemas eróticos, *O amor natural*, foi publicado apenas em 1992, cinco anos após a sua morte.

[...] é interessante frisarmos que das 39 composições desta coletânea, *O amor natural*, apenas nove foram dadas ao conhecimento do público leitor, pelo próprio autor, e de forma esparsa. A maioria delas o poeta integrou em *Amor, amores*, antologia publicada em 1975; seis em *Amor, sinal estranho*; e as outras duas em revistas de consumo tipicamente masculinas, *Status*, *Ele & Ela* e *Homem*. (MOREIRA, 2005, p. 94)

Separar o erotismo do pornográfico era algo que preocupava Drummond, em relação as suas poesias. Suas produções não continham palavras obscenas ou vulgares, sendo a sua intenção expressar de forma nobre as relações eróticas do amor, revelando esse sentimento como algo que surge a partir da união do espiritual e platônico com a materialidade do corpo.

O erotismo de Carlos Drummond de Andrade é, portanto, um erotismo que foge à casualidade estilística da poesia erótica e da vulgarização da atividade sexual reprodutora. Tem-se, nos poemas de Drummond, uma vasta terminologia erótica sinalizada por metáforas e outras construções de estilo da linguagem que evidencia, primordialmente, esta separação entre o erotismo e o pornográfico na literatura. Para Bataille, há três formas do erotismo: “a saber: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e, finalmente, o erotismo sagrado” (BATAILLE, 1987, p. 13).

O erotismo dos corpos e dos corações é aquele no domínio da carne, e por isso a forma mais conhecida e aceita da erotização da atividade sexual. Porém, o erotismo sagrado se torna um tanto complexo de ser tratado, conseqüentemente, mais difícil de ser identificado nas composições de caráter erótico-amorosas.

Nos poemas de Drummond é possível identificar estas formas de erotismo tanto mescladas quanto separadas abordando o instinto sexual animal (natural) e o instinto sexual humano em seus poemas eróticos.

A produção de obras artísticas de caráter erótico é datada desde os primórdios da história da humanidade. Já nas pinturas rupestres era possível observar algumas imagens que retratavam cenas de atos sexuais. Deste modo, vê-se que a temática do erotismo precede a linguagem escrita.

3.2 Rastros do erotismo em Carlos Drummond de Andrade

É a partir dessa visão natural sobre o erotismo, sobre o amor carnal que adentraremos na poesia de Drummond, visto que o autor enxergava esse sentimento de forma natural, sem maldade, sem preconceito. O amor, para ele, “palavra essencial”, só se manifesta em sua amplitude pelo sexo. “É por meio do sexo que se pode atingir a plenitude da existência; voltar à origem primitiva; atingir a paz eterna, o repouso merecido, o sagrado, o céu infinito; vencer a morte. O coito é, nas palavras do poeta, morte de tão vida”. (ANDRADE, 2006).

Na visão do autor o sexo deve ser visto de uma forma natural, por isso na obra *O amor natural*, em todos os poemas o sexo estará relacionado com a natureza, e toda descrição do ato sexual nos poemas serão feitas a partir de metáforas que remeterá a elementos referentes à natureza como podemos observar no poema, *A língua lambe*:

A língua lambe as pétalas vermelhas da rosa pluriaberta; a língua lavra certo oculto botão, e vai tecendo lépidas variações de leves ritmos. E lambe, lambilonga, lambilenta, a licorina gruta lisa ou cabeluda, e, quanto mais lambente, mais ativa, atinge o céu do céu, entre gemidos, entre gritos, balidos e rugidos de leões na floresta, enfurecidos. (ANDRADE, 2006, p.49)

Logo no início, podemos observar o uso de metáforas: “pétalas vermelhas”, “rosa pluriaberta”, “oculto botão”, “lépidas variações de leves ritmos”. No primeiro verso “A língua lambe as pétalas vermelhas da rosa pluriaberta”, refere-se ao sexo oral praticado na mulher, “as pétalas vermelhas” seriam os lábios genitais feminino, “rosa pluriaberta”, faz menção a própria vagina, comparando-a a uma flor ao desabrochar.

“Certo botão oculto” faz referencia ao clitóris que é a parte mais sensível ao tato e mediante a qual as mulheres podem ser excitadas e atingir facilmente o orgasmo, através das “lépidas variações de leves ritmos”, ou seja, os movimentos lentos da língua vão despertando o desejo da mulher que se abre intensamente para o sexo oral.

Na segunda estrofe o termo “a licorina gruta lisa ou cabeluda, e, quanto mais lambente, mais ativa, atinge o céu do céu”, relaciona a vagina com um composto letal, se consumido em demasia, encontrado em algumas espécies de plantas. O eu lírico mostra sua euforia diante do prazer pelo sexo e que quando se atinge o orgasmo, ele ganha o céu, “morre”, se envenena, fazendo menção a toxina encontrada em algumas espécies, como dito anteriormente.

Neste poema, podemos observar, claramente, o sexo relacionado a natureza. Como em todos os poemas que compõem *O Amor Natural*, cada um deles estará atrelado a uma temática, seja amor e natureza, seja amor e sagrado, seja amor e humor, cada poema nos traz uma abordagem diferente. Continuando com a abordagem amor e natureza analisaremos a seguir o poema “Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas”.

Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas detêm a mão ansiosa: Devagar. Cada pétala ou sépala seja lentamente acariciada, céu; e a vista pouse, beijo abstrato, antes do beijo ritual, na flora pubescente, amor; e tudo é sagrado. (ANDRADE, 2006, p.33)

Como em todos os poemas de *O amor natural*, o enunciador é masculino. Por isso, as metáforas referentes ao órgão sexual feminino são mais frequentes e podem ser encontradas em quase todos os poemas. Na visão do autor, essas metáforas são afetivas. Eróticas, sim, mas não pornográficas. No poema acima há uma comparação estética entre o órgão sexual feminino “em teu crespo jardim” com um animal marinho “anêmonas castanhas”. “Cada pétala ou sépala”, é utilizada como metáfora para designar os lábios da genitália feminina e sua fragilidade, delicadeza ao ser comparada com uma flor. Nesse poema o autor traz o sagrado, que para ele o amor se resume a este. “O erotismo se manifesta numa variedade infinita, e o sexo é sempre o mesmo” (PAZ, 1994, p.16).

Paz revela que o erotismo tem por finalidade domar o sexo e inseri-lo na sociedade. Isso porque o homem é o único ser vivo que não dispõe de uma regulação automática de sua sexualidade, a espécie humana padece de uma insaciável sede sexual e não conhece períodos de excitação e repouso. É algo natural. Embora o erotismo seja sexo em ação, ele desvia ou nega a função de reprodução, que é a finalidade da função sexual:

Embora as maneiras de acasalamento sejam muitas, o acto sexual diz sempre o mesmo: reprodução. O erotismo é sexo em ação, mas, porque a desvia ou a nega, suspende a finalidade da função sexual. Na sexualidade, o prazer serve à procriação; nos rituais eróticos o prazer é um fim em si mesmo ou tem fins diferentes da reprodução. [...] Na sexualidade a violência e a agressão são componentes necessariamente ligados à copulação e, assim, à reprodução; no erotismo, as tendências agressivas emancipam-se, quero dizer: deixam de servir a procriação e tornam-se fins autónomos. Em suma, a metáfora sexual, através das suas infinitas variações, diz sempre reprodução, a metáfora erótica, indiferente à perpetuação da vida, põe em parênteses a reprodução. (PAZ, 1995, p. 10)

O erotismo é em si mesmo desejo, é um caminho em direção há algo além, algo que supere o corpo e a alma, algo que transcende. Adentraremos agora no poema: *Era manhã de setembro*.

Era manhã de setembro
e
ela me beijava o membro.

Aviões e nuvens passavam
coros negros rebramiam
ela me beijava o membro.

O meu tempo de menino
o meu tempo ainda futuro
cruzados floriam junto

Ela me beijava o membro

Um passarinho cantava,
bem dentro da árvore, dentro
da terra, de mim, da morte

Morte e primavera em ramo
disputavam-se a água clara
água que dobrava a sede

Ela me beijando o membro

Tudo o que eu tivera sido
quando me fora defeso
já não formava sentido

Somente a rosa crispada
o talo ardente, uma flama
aquele êxtase na grama

Ela a me beijar o membro

Dos beijos era o mais casto
na pureza despojada
que é própria das coisas dadas

Nem era preito de escrava
enrodilhada na sombra
mas presente de rainha

tornando-se coisa minha
circulando-me no sangue
e doce e lento e erradio

como beijava uma santa
no mais divino transporte
e num solene arrepio

beijava beijava o membro

Pensando nos outros homens
eu tinha pena de todos
aprisionados no mundo

Meu império se estendia
por toda a praia deserta
e a cada sentido alerta

Ela me beijava o membro

O capítulo do ser
o mistério do existir
o desencontro de amar

eram tudo ondas caladas
morrendo num cais longínquo
e uma cidade se erguia

radiante de pedrarias
e de ódios apaziguados
e o espasmo vinha na brisa

para consigo furtar-me
se antes não me desfolhava
como um cabelo se alisa

e me tornava disperso
todo em círculos concêntricos

na fumaça do universo

Beijava o membro
 beijava
 e se morria beijando
 a renascer em dezembro

(ANDRADE, 2006, p. 21)

Marcada pela cadência de ritmo leve e reafirmada pela repetição do verso “ela me beijava o membro”, enquanto os homens continuam aprisionados no mundo caduco “Pensando nos outros homens / eu tinha pena de todos / aprisionados no mundo”.

O ato sexual é libertário e mostra uma outra face do poeta, que momentaneamente não se ocupa com os obstáculos que o mundo caduco impõe e menos ainda se torce com a imposição desses obstáculos, trazendo à luz, pois “era manhã de setembro”, o sexo, a realização do sexo, que é capaz de suspender o tempo e suas preocupações “O meu tempo de menino / o meu tempo ainda futuro / cruzados floriam juntos”.

O sexo oral, acontecido numa manhã clara, numa praia deserta, em que passam aviões e nuvens, nitidamente provoca o mundo caduco que claramente, desde sempre, cria interditos que visam esconder esse tipo de manifestação de humanidade como atesta Bataille:

A única verdadeira razão que temos para admitir a existência muito antiga de tal interdito é o fato de que em todos os tempos, e em todos os lugares, de que temos conhecimento, o homem se define por uma conduta sexual submetida a regras, a restrições definidas: o homem é um animal que permanece “interdito” diante da morte, e diante da união sexual. (BATAILLE, 2014, p. 74)

Do total de quarenta poemas que compõem o livro, mais de um terço deles remetem ao passado, por meio da memória. No livro em análise, a memória é explorada como revisitações sensuais e eróticas ou platônicas do tema amoroso. Por meio dela, o sujeito lírico recupera desejos não concretizados que se completam por meio da imaginação, bem como atos sexuais finalizados de diferentes formas. “Não quero ser o último a comer-te” e “No pequeno museu sentimental” são exemplos de poemas em que o sexo aparece por meio das lembranças do poeta.

NÃO QUERO SER O ÚLTIMO A COMER-TE

Não quero ser o último a comer-te.
 Se em tempo não ousei, agora é tarde.
 Nem sopra a flama antiga nem beber-te
 aplacaria sede que não arde
 em minha boca seca de querer-te,
 de desejar-te tanto e sem alarde,
 fome que não sofria padecer-te
 assim pasto de tantos, e eu covarde
 a esperar que limpasses toda a gala
 que por teu corpo e alma ainda resvala,
 e chegasses, intata, renascida,
 para travar comigo a luta extrema
 que fizesse de toda a nossa vida
 um chamejante, universal poema.

(ANDRADE, 2006, p. 79)

Em *Não quero ser o último a comer-te* o eu lírico, por meio da memória, lembra-se de uma mulher que nunca conseguiu conquistar. Do terceiro ao último verso o poeta constrói quase todo o soneto com um só período, o que reforça a ideia do fluxo da memória que o compõe. Nota-se que perpassa todo o poema uma questão moral, que pesou para a não realização do ato sexual, “universal poema”, expressa pelo fato de a mulher, objeto de desejo, ser “pasto de tantos”.

Encontramos na fortuna crítica especializada a atribuição deste poema ao universo da prostituição, tratando-se, portanto, da memória do eu lírico em relação a uma prostituta. No entanto, levantamos a possibilidade de se tratar de uma mulher de vida sexual bastante ativa, que goza da liberdade. Apontamos aqui a hipótese de ser essa liberdade sexual que faz com que o sujeito-lírico se acovarde diante do desejo: “assim pasto de tantos, e eu covarde”, tendo em vista participar de uma sociedade moralista.

A LÍNGUA GIRAVA NO CÉU DA BOCA

A língua girava no céu da boca. Girava! Eram duas bocas, no céu único.
O sexo desprendera-se de sua fundação, errante imprimia-nos seus traços de cobre.

Eu, ela, elaeu.

Os dois nos movíamos possuídos, trespassados, eleu. A posse não resultava de
ação e doação, nem nos somava. Consumia-nos em piscina de aniquilamento.

Soltos, fálus e vulva no espaço cristalino, vulva e fálus em fogo, em núpcia,
emancipados de nós.

A custo nossos corpos, içados do gelatinoso jazigo, se restituíram à consciência. O
sexo reintegrou-se. A vida repontou: a vida menor. (ANDRADE, 2006, p.45)

Em *A língua girava no céu da boca* o trabalho do poeta com a língua se evidencia sobretudo pelo jogo de neologismos feito com os pronomes pessoais “eu” e “ela”, que vão se aglutinando até formar um novo vocábulo “eleu”, capaz de traduzir a fusão completa dos corpos no ato sexual.

Aqui o sexo desprende-se de sua função natural, a reprodução, para se tornar essencialmente erótico, o que é exclusivamente humano.

Embora as maneiras de acasalamento sejam muitas, o acto sexual diz sempre o mesmo: reprodução. O erotismo é sexo em acção mas, porque a desvia ou a nega, suspende a finalidade da função sexual. Na sexualidade, o prazer serve a procriação; nos rituais eróticos, o prazer é um fim em si mesmo ou tem fins diferentes da reprodução. (PAZ, 1995, p. 10)

O poema revela a máxima do escritor francês de que é possível dizer do erotismo “que é a aprovação da vida até a morte” (BATAILLE, 2014, p. 35), o sujeito lírico e a mulher amada, moviam-se “possuídos, trespassados”, consumindo-se “em piscina de aniquilamento”, reforçando a ideia de que o erotismo busca sempre a fusão completa. Fálus e vulva emancipam-se, demonstrando o ápice da atividade sexual, até atingir o gozo, “gelatinoso jazigo”, que restitui à consciência, repontando “a vida menor”. O substantivo jazigo, utilizado como metáfora para o gozo, reforça ainda mais a ideia de que erotismo e morte estão unidos. Cabe ressaltarmos aqui que essa morte é metafórica, pois em segundo você vive e morre, morre e vive.

NO PEQUENO MUSEU SENTIMENTAL

No pequeno museu sentimental
 os fios de cabelo religados
 por laços mínimos de fita
 são tudo que dos montes hoje resta,
 visitados por mim, montes de Vênus.
 Apalpo, acaricio a flora negra,
 e negra continua,
 nesse branco total do tempo extinto em que eu,
 pastor felante, apascentava
 caracóis perfumados, anéis negros,
 cobrinhas passionais, junto do espelho
 que com elas rimava, num clarão.
 Os movimentos vivos no pretérito
 enroscam-se nos fios que me falam
 de perdidos arquejos renascentes
 em beijos que da boca deslizavam
 para o abismo de flores e resinas.
 Vou beijando a memória desses beijos.
 (ANDRADE, 2006, p. 81).

O passado aparece sem a cortina do constrangimento de expor-se, sem o tom pesado do fracasso e do remorso que a figura do pai lhe impõe, fazendo com que os poemas explodam em uma linguagem desnuda, demonstrando a “plenitude gozosa do prazer natural”.

O sujeito lírico recupera, no “museu sentimental” carícias de um passado prazeroso, em que ele “pastor felante, apascentava / caracóis perfumados”. Ao recordar o ato sexual, o poeta torna a realizá-lo por meio da poesia, pois o tempo “branco / total” não é capaz de apagar da memória os “movimentos vivos no pretérito”. Trata-se de “prolongar o encontro amoroso”.

O jogo entre passado e presente, expresso, sobretudo, por meio dos verbos “apalpo”, “acaricio” e “apascentava”, no poema acima, se repete em muitos versos

do livro. Ao expor o amor por meio do temário erótico, em linguagem desnuda, elevada, percebemos a inquietude de Drummond, também apontada por Candido, com a meditação constante sobre a poesia, “a poesia está escondida, agarrada nas palavras” (CANDIDO, 1995, p. 91).

O amor aparece como “palavra essencial” e é também uma reflexão sobre a linguagem poética. Em três dos poemas do livro, *A língua girava no céu da boca*, *A língua francesa* e *A língua lambe a língua* aparece explicitamente como um duplo, tendo dois significados, se referindo tanto ao órgão do corpo, como instrumento sexual, quanto à própria linguagem, matéria com a qual trabalha o poeta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Amor Natural representa, no conjunto da obra de Carlos Drummond de Andrade, momento marcante. É quando o amor se realiza em sua plenitude, expondo o seu contato mais íntimo. O presente trabalho tentou, a partir dos textos poéticos da obra drummondiana, propor uma leitura para a obra mencionada.

O corpo aparece como elemento central, pois é nele que se realiza tanto o ato erótico, como o ato poético. Seja o corpo humano ou o corpo do texto, estamos sempre diante de um código cifrado, pois, o erotismo não é mera sexualidade, é representação, é cerimônia, e a poesia erótica é duplamente um jogo de codificação (PAZ, 1994). Em uma época de escancaramento do erótico, de desvalorização do corpo e das diferentes formas de amor, a subjetividade da lírica drummondiana acaba por recortar do mundo “uma noção pura de erotismo”, a que estão atrelados os nossos desejos mais primitivos, nossas pulsões de vida e de morte, evidenciando nossas dificuldades quando se trata da sexualidade.

O erótico na obra não vem desvinculado do amor, pelo contrário, para o autor, ambos estão intimamente ligados. A leitura dos poemas nos leva a busca pela sacração, fica nítido que o amor, o erótico, é entendido como manifestação daquilo que pertence à natureza, como algo sagrado, à essência dos seres. Quando, por meio do ato erótico, do sexo, os amantes são devolvidos a um sentimento profundo e satisfatório, alcançado pela entrega total dos corpos, da alma, a entrega de um pelo outro chegando à “morte”, metaforizada pelo autor como a pausa dos sentidos alcançados pelo gozo, pelo prazer, pelo findar do ato sexual.

A poesia de Drummond, lúcida, inquieta e crítica, acabam por evidenciar as condições necessárias para compreendermos o erótico como uma manifestação de algo que deve ser encarado com naturalidade pela sociedade e não como tabu.

REFERÊNCIAS

- ACHCAR, F. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ALEXANDRIAN, S. **História da literatura erótica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ANDRADE, C. D. **O amor natural**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 139p.
- BARBOSA, R. C. **Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Ática, 1987
- BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987. 260p.
- BRANCO, L. C. **O que é Erotismo**. São Paulo, Brasiliense, 2004.
- CANDIDO, A. **Inquietudes na poesia de Drummond**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades. 1995.
- HUNT, L. **A Invenção da Pornografia**. 1.ed. São Paulo: Hedra, 1999.
- MELLO, C.J.A. A intertextualidade pós-moderna de Agora é que são elas – Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis,2001.
- MOREIRA, N. M.B. Drummond e a erotização poética do feminino. João Pessoa: Graphos. Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB, Vol 7, N. 2/1, 2005, p. 93-98. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/issue/view/808/showToc>>. Acesso em: 02 Ago. 2019.
- PAZ, O. **A dupla chama: Amor e Erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PRADO, J.B. “Orelha”. Drummond: da rosa do povo à rosa das trevas. São Paulo: Ateliê, 2001.
- SANT’ANNA, A. R. **Drummond: o gauche no tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- SANT’ANNA, A. R. **O erotismo nos deixa gauche?**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 77-84.